



LIROBOOT

A mudança é digital. A transformação é humana.

OSWALDO LIROLLA

LIROBOOT

A mudança é digital.
A transformação é humana.

OSWALDO LIROLLA

LIROBOOT

A mudança é digital. A
transformação é humana.

Autor
Oswaldo Lirolla

Primeira edição
Caraguatatuba — São Paulo
2026

Selo editorial: Academia Lirolla
Realização: Datacom Soluções

© 2026 Oswaldo Lirolla. Todos os direitos reservados.

ISBN e ficha catalográfica: reservados para a edição definitiva.

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Elenice Lirolla, a
única pessoa que acompanhou
toda a minha caminhada, do
começo aos dias atuais.

Sua presença, força e apoio foram
fundamentais para que eu
atravessasse cada mudança,
enfrentasse cada dificuldade e
continuasse recomeçando.

Parte essencial de tudo o que
construí também pertence a ela.

EPÍGRAFE

“O LiroBoot não é sobre bugs ou reboots de sistemas. É sobre a capacidade humana de se reinventar a cada linha de código da vida.”

SUMÁRIO

- 01 Anos 80: Do pé na areia ao primeiro “Ferrou!” digital
- 02 Transição 80s/90s: Da Eletrônica à Aterrissagem na Tecnologia
- 03 Anos 90: A Revolução no Quarto (e na Sala de Aula)
- 04 A Distância Entre a Teoria e a Prática (e o Código de Barras)
- 05 Dos Códigos de Barras à Efemeridade Digital (ICQ e Orkut)
- 06 Anos 2000/2010s: Dos Códigos aos Cálculos — A Verdade sobre Gurus e Falências
- 07 2000s: Do Porão à Redação Digital — O Reinício e a Força da Inovação
- 08 2000s: A Revolução da Internet e a Era da Conexão Imediata

SUMÁRIO

09 2010s: A Sala de Aula é o Palco — O Nascimento do Lirolla Palestrante

10 O Jardim dos Talentos: Mentorias, Voos e a Família Datacom

11 O Cartão de Crédito Eletrônico e o Abraço do Capitalismo

12 O Novo Mundo do Trabalho: Do Empreendedorismo MEI à Geração Z

13 O Rei Bebê e a Geração Digital: Um Novo Olhar sobre a Dependência

14 O Reboot Caiçara: Da Conexão Digital à Reconexão Ambiental

15 A Faca de Dois Gumes da Tecnologia: Proteção de Dados e o Futuro Digital

16 O Até Logo de um Rebooter: Conexões, Códigos e o Chamado do Futuro

CAPÍTULO 01

Anos 80: Do pé na areia ao primeiro “Ferrou!” digital

A jornada de Oswaldo Lirolla começa na inocência analógica — prelúdio para o choque com a tecnologia e o primeiro “bug” existencial.

Eu, Oswaldo Lirolla, nasci em Mogi das Cruzes, Grande São Paulo — o primeiro mogiano da minha família. A vida, porém, tratou de me mover com o vento: mudei de lugar, de ares e de hábitos muitas vezes. Guardo com nitidez os anos 80 em Ubatuba: o cheiro de maresia, a areia nos pés, o nascer do sol como programa diário e os sábados à noite em que eu devorava uns quatro X-saladas. Naqueles dias a vida parecia feita de pequenas certezas simples; chamei isso,

meio em tom de ironia, de a “mentira simples” da vida analógica.

Trabalhava no trailer de porções e salgados do meu pai, na Praia do Perequê-Açu. Era ali, no calor e na rotina de fritura e atendimento, que aprendi uma outra aula — a da disciplina e do sabor do cotidiano. Essa paz à beira-mar e essa lição de simplicidade me acompanharam e estão, ainda hoje, no cerne do projeto EcoAprender.

Aos 14 anos tudo virou: fui morar em Londrina, no Paraná. Meu irmão mais velho — um gigante de alma — trocava pneus de caminhão e trator, literalmente suando para trazer o pão para casa. A sua maior alegria era pilotar o Fusca turbinado do nosso pai. Era um mundo de graxa, terra e pneus, um contraste quase chocante com o que viria depois.

Em Londrina caí numa escola para aprender informática.

Entendia nada, juro. Aquelas telas verdes e aqueles códigos me pareciam hieróglifos. E então houve o momento que mudou o ângulo da minha curiosidade: um professor nos mostrou um experimento de inteligência artificial. Era um simulador — uma formiga mecânica que, por meio de sensores virtuais, aprendia a andar. Vi aquilo e pensei: “Ferrou!” Não porque fosse ameaçador no sentido de filme de terror, mas porque havia ali uma faísca que me picou.

Mesmo virtual, aquilo parecia pura magia.

Enquanto os heróis da cultura pop alternavam lutas e perseguições (com computadores falantes como o KITT de A Super Máquina ou robôs simpáticos como o Johnny Five), eu assistia a algo mais sutil: uma máquina aprendendo a adaptar-se. O computador, nos filmes, era muitas vezes retratado como inimigo do futuro; na frente daquela tela eu via, pela

primeira vez, a promessa de algo que realmente aprendia. E não era sucata nem truque de efeitos — era conceito em ação. Fui, aliás, da geração 486, com suas limitações e encenações de futuro.

A picada daquela “formiga” digital ainda coça. Foi ali que identifiquei o meu primeiro “bug existencial”: não era um erro no equipamento, mas uma fissura na minha própria visão do mundo. A simplicidade de Ubatuba, que antes me parecia

toda verdade, revelou-se uma espécie de ilusão útil — uma mentira simples porque não tinha ainda encontrado a complexidade que o digital prometia e, ao mesmo tempo, escondia. Não imaginávamos então a velocidade e a escala que essa tal inteligência alcançaria; não sabíamos que, além de nos servir, ela nos obrigaria a repensar compaixão, responsabilidade e o que é ser humano.

Hoje, olhando para trás, vejo que aquela curiosidade ingênua foi necessária. A mesma fascinação que me atropelou diante do simulador abriu caminho para uma vida de perguntas — algumas tão incômodas quanto produtivas. Se houve um “ferrou!” inicial, foi o reconhecimento de que o mundo digital não viria apenas para somar ferramentas, mas para nos mostrar as fundações frágeis sobre as quais habitávamos nossas certezas. Essa descoberta — amarga e

estimulante — continua a guiar
meu trabalho e minhas
inquietações.

CAPÍTULO 02

Transição 80s/90s: Da Eletrônica à Aterrissagem na Tecnologia

Naquele fim de século, a eletrônica estava em seu apogeu e a automação, antes coisa de ficção científica, começava a se tornar prática. Eu era um estudante entusiasmado na escola técnica e, entre resistores e capacitores, montei meu primeiro empreendimento em sociedade. Nossa oficina era um verdadeiro pronto-socorro tecnológico: consertávamos de televisores de tubo — aqueles móveis que dominavam a sala — até bonecas que falavam.

Havia uma certa magia em passar de um circuito complexo para o pequeno chip que reproduzia uma voz infantil.

Aos 17 anos, ainda um “meninão” para muita gente, aconteceu algo decisivo: participei de uma seleção para auxiliar técnico no Aeroporto Internacional de São Paulo (GRU) e logo fui promovido a técnico. Era, se não o único, um dos raros menores de idade a trabalhar ali. O lugar era um espetáculo de contrastes. De

um lado, escadas rolantes discretas; do outro, painéis gigantes de anunciadores de voo, todos dependentes de eletrônica e automação para operar com precisão quase militar. Aprendia todo dia só de observar como sistemas simples e complexos tinham de conviver sem falhas.

Havia também a rotina fora dos grandes cenários: o frio na beira da rodovia esperando ônibus, a espera pelas conduções que me traziam de

casa ao aeroporto. Foi nesse vaivém que me formei técnico. Quase imediatamente comecei a lecionar em cursos técnicos enquanto dava os primeiros passos na faculdade de Engenharia Elétrica. Tudo parecia seguir um caminho lógico, natural — eletrônica e automação, estudo e trabalho, ensinar e aprender.

E então, sem avisar, explodiu a informática. Não foi uma transição repentina para mim, mais uma espécie de

deslocamento: aquilo que eu entendia como consertos e diagnóstico físico começou a ganhar outro patamar, digital. Era a mesma vontade de entender o funcionamento das coisas, aplicada a novos meios. Mas na época poucos percebiam essa convergência; para muitos, informática era um assunto à parte.

Havia, claro, espaço para o humor. Era a era dos filmes de ação com efeitos práticos e explosões analógicas, e eu,

dentro do aeroporto, via a “magia” da eletrônica em cena cotidiana. O contraste entre a grandiosidade do terminal — frequentemente o cenário de filmes de espionagem ou blockbusters — e a minha realidade de pegar ônibus na beira da estrada era delicioso: um “meninão” no maior aeroporto do Brasil, uma peça pequena na engrenagem que fazia o mundo voar.

No fim das contas, o que eu aprendi naquele período foi

menos sobre peças e mais sobre método. Consertar TVs e bonecas, ajustar painéis de voo, diagnosticar falhas em sistemas aparentemente díspares: tudo me ensinou a lógica do problema, a paciência para isolar a causa e a habilidade de transformar imprevisto em solução. Eram lições que, sem eu saber, se tornariam essenciais quando o digital passou a dominar.

A cegueira para a convergência foi o principal “erro” daquela

época. Víamos eletrônica, automação e informática como domínios separados, quando, na prática, um alimentava o outro. Hoje sei que os princípios que regiam um circuito analógico ou um painel de aeroporto foram a base sobre a qual aprendi a raciocinar sobre sistemas digitais — a mesma paixão por entender e resolver falhas que guia até o desenvolvimento de software. Em retrospecto, consertar bonecas que falavam foi um bom treino para

entender vozes que agora saem
de código.

CAPÍTULO 03

Anos 90: A Revolução no Quarto (e na Sala de Aula)

Depois de aprender os fundamentos da eletrônica e de me acostumar ao ritmo do Aeroporto de Guarulhos, a mudança que vinha me causando pequenos choques finalmente explodiu: a informática. Saí das grandes empresas — Itautec e Prológica — onde o notebook mais aproximado parecia um tijolo de 13 quilos, e decidi que era hora de uma revolução própria.

Em 1994 nascia a Datacom Soluções. O escritório? A sala

da minha casa. Do outro lado da rua, eu dava aulas no Colégio Policursos. Lá, enfrentei não tanto um problema técnico, mas humano: ensinar informática a turma que tinha atingido o auge em datilografia. Pedir para “recomeçar” em um teclado ligado a uma tela verde soava quase como heresia para quem tinha calos nos dedos de tanto bater nas teclas.

Fui chamado também para liderar um projeto pioneiro:

implantar informática no currículo, da pré-escola ao colegial. Hoje parece óbvio, mas na época era ousado demais. Computador não se comprava “na prateleira” — chegavam como um amontoado de placas e gabinetes vazios; montar as máquinas era parte da aula, uma oficina de curiosidade, parafusos e descobertas. Aceitamos o desafio e, com muito trabalho, montamos o primeiro laboratório de informática da região do Alto Tietê. Aprendi

ali que informática não era só software: era também desmontar, montar, adaptar — era pioneirismo concreto.

Consegui ainda uma licença especial para usar a primeira versão do Windows — aquela que nem havia sido comercializada no Brasil. Para crianças da pré-escola, a interface gráfica era muito mais intuitiva do que linhas de comando numa tela preta. Eu andava pelos corredores perguntando aos educadores

os “porquês” de cada disciplina, os objetivos pedagógicos; a intenção era criar aplicações no pacote Office e usar ferramentas como o Paint Brush para dar suporte às aulas. O Paint, à sua maneira simples, era um laboratório de expressão tão poderoso quanto qualquer caderno de desenho.

Então veio o episódio que mudou minha percepção do que estávamos construindo. Uma professora trouxe uma

atividade de coordenação motora que, segundo sua metodologia, levava cerca de quatro meses para atingir o objetivo. Levei as crianças ao laboratório: diante delas a tela verde, um “ratinho” na mesa — o mouse — e o Paint Brush. Em apenas três aulas elas atingiram os mesmos resultados. Quando ela me perguntou, com sinceridade e um pouco de apreensão, “E agora, Oswaldo, o que fazemos?”, ficou claro que estávamos diante de um

choque frontal: o ensino tradicional versus o uso massivo da tecnologia na sala de aula.

Enquanto isso, o mundo popular se redesenhava: Jurassic Park (1993) impressionava com dinossauros digitais e o grunge punha a trilha sonora de uma era. Eu, na minha sala, transformava placas soltas em computadores e convertia dinossauros da datilografia em jovens aprendizes de

computador. A batalha entre a caneta e o mouse era palpável, e mesmo com o Windows 95 ainda por vir, já se via que nada ficaria igual. Nosso humilde Paint Brush funcionava como uma caixa de possibilidades — uma ferramenta lúdica que desconstruía rotinas e acelerava aprendizagens.

A lição, no entanto, não foi técnica. O verdadeiro “bug” daquela década era pedagógico e cultural: a inércia da tradição

frente à eficiência e ao questionamento trazidos pela tecnologia. A escola, que deveria acolher a inovação, via-se dividida; a tecnologia não se limitava a otimizar processos, ela colocava em xeque métodos, cronogramas e até o papel do professor. Como preparar para o futuro quando o presente já desafiava o passado?

Carrego até hoje essa conclusão em todos os projetos de transformação digital em

que me envolvo: a resistência à mudança não é uma falha de ferramentas, é uma questão de cultura e propósito. A experiência me ensinou a olhar a tecnologia não só como atalho para resultados, mas como catalisadora de perguntas — sobre o que queremos ensinar, por que e com que sentido.

CAPÍTULO 04

A Distância Entre a Teoria e a Prática (e o Código de Barras)

Com a informática explodindo e meu envolvimento em projetos pioneiros na educação, deparei-me com um paradoxo óbvio e constrangedor: para ser legalmente responsável por certos empreendimentos eu precisava de um diploma superior na área. O problema era simples — naquele momento não existiam cursos superiores em informática que acompanhassem a velocidade do mercado.

Eu estava matriculado em Engenharia Elétrica, uma paixão — ali inclusive eu já dava aulas. Mas a realidade começou a puxar a minha atenção para outro rumo. Sem drama, larguei Engenharia Elétrica (e, para ser honesto, nunca mais voltei — o que diz muito sobre minhas prioridades daquela época) e entrei no primeiro curso superior em informática que apareceu. Fiz isso por necessidade de “legitimidade”,

mas a experiência revelou um bug ainda maior.

Logo percebi um abismo: o tempo que uma universidade levava para montar e atualizar um curso era desproporcional ao que o mercado exigia.

Enquanto as cadeiras acadêmicas discutiam teorias que o mercado já havia superado, a Datacom Soluções — minha empresa — precisava de profissionais prontos para a batalha. Era frustrante ver alunos saírem com diplomas e,

na prática, precisarem reaprender tudo para trabalhar.

Por isso, paralelamente à minha formação, criei o primeiro curso técnico em informática da região do Alto Tietê, Grande São Paulo. A diferença era prática e direta: eu mesmo elaborava todo o material técnico e o adaptava às necessidades reais das empresas. Nada de teoria que não fosse colocada em ação imediatamente. A Datacom já

não era só uma escola de informática; éramos desenvolvedores de software e começávamos a integrar soluções com automação. Foi ali que surgiu algo que hoje parece trivial, mas então era revolucionário: o código de barras.

A universidade, naquele tempo, movia-se como um filme em câmera lenta dos anos 80 — métodos e currículos resistentes a atualizações. O mercado corria em outro ritmo,

uma espécie de videoclipe dos anos 90, cheio de cor e informação. Era como ter um professor ensinando a usar um Walkman quando o mundo já tinha o discman e sonhava com o MP3. O código de barras, naquele contexto, foi o “herói silencioso” que acelerou processos cotidianos, ao mesmo tempo em que a academia tentava entender o herói anterior.

O ponto central dessa história é a inércia da educação formal

diante da agilidade da inovação. Por sua própria estrutura, as universidades tendem a ser lentas para se adaptar, o que cria um fosso entre o que se ensina e o que se demanda. Aprendi que a verdadeira validação não vem apenas de um diploma, mas da capacidade de conceber soluções úteis para problemas reais. O conhecimento que vale é o que se aplica e se depura na prática do dia a dia.

CAPÍTULO 05

Dos Códigos de Barras à Efemeridade Digital (ICQ e Orkut)

Com a primeira turma de técnicos em informática se formando sob minha supervisão veio uma sensação de dever cumprido que ia muito além de um pedaço de papel: era ver gente saindo pronta para trabalhar. Segui em frente com a Datacom Soluções. A empresa que nascera na sala de casa começava a ganhar corpo — desenvolvíamos sistemas de controle de ponto, softwares para catracas eletrônicas e os recém-nascidos cartões com

código de barras.

Trabalhávamos com o trâmite do mundo real: quem podia entrar, quem não podia, quem passava, quem ficava do lado de fora.

Ainda assim, havia uma desconexão que me incomodava. A universidade, àquela altura, já não me oferecia motivos para continuar. Eu estava presente, mas minha cabeça e minhas demandas estavam anos-luz à frente do que se discutia nas

salas. Enquanto o mercado me pedia soluções que seriam usadas num evento de alta performance — o Grande Prêmio de Interlagos de Fórmula 1, com exigências de confiabilidade e velocidade — a faculdade me fazia rascunhos e projetos em COBOL. A ironia mordida: eu depurando sistemas que controlavam acesso num palco tecnológico e, ao mesmo tempo, engolindo a alegoria de uma linguagem que parecia pré-histórica para o dia a dia da minha empresa.

A vida empreendedora foi uma montanha-russa de altos e baixos. Inexperiência em gestão não perdoa; paguei por decisões tomadas no calor do aprendizado. Foi também a década em que chegaram os mensageiros eletrônicos que mudaram a forma como a gente se relacionaria — e eu lembro claramente do “uouuu” do ICQ, aquele som que avisava: tem mensagem nova, pode começar a conversa. Depois veio o Orkut, onipresente por um tempo,

ponto de encontro virtual onde se criavam comunidades, amizades e manchetes pessoais; e, quase sem aviso, sumiu, como uma estrela cadente no céu da internet.

O paradoxo era engraçado e inquietante. A cultura pop celebrava a virada do milênio com promessas de um futuro digital e brincadeiras sobre o tal do bug do milênio, enquanto eu ocupava dois mundos: de um lado, um mercado que corria na velocidade de uma

Fórmula 1; do outro, uma academia que insistia em viver no passado. ICQ e Orkut foram nossos primeiros passos na vida social online — depois tudo virou natural como respirar, mas na época aquilo era novidade absoluta. Era, de certa forma, como as modas daqueles anos: moletons largos, calças cargo — marcantes, às vezes úteis, muitas vezes efêmeros.

A lição que ficou, e que me parece cada vez mais evidente,

é sobre o ritmo dos lugares que formam profissionais. A academia, em muitos casos, não acompanha a velocidade do mercado e gera profissionais que precisam de um “reboot” constante para se manter relevantes. E sobre a própria natureza do digital: plataformas sobem rápido, dominam atenções e, tão rápido quanto surgem, podem desaparecer. A ilusão de permanência digital se mostra frágil; o que importa é estar atento à rua, às demandas

reais, e manter a capacidade de adaptação.

CAPÍTULO 06

Anos 2000/2010s: Dos Códigos aos Cálculos — A Verdade sobre Gurus e Falências

Com a empresa em funcionamento, as surpresas do mercado se acomodando e a chegada de frameworks sérios como a ISO e dos sistemas ERP, uma ficha essencial caiu: só programação não bastava. Desenvolver era uma coisa; sustentar algo de verdade exigia gestão. Essa lição veio a reboque de vários acertos, mas especialmente de muitos erros. A vida, como um bom processo de revisão, ensina mais nas falhas do que nos sucessos.

Por inexperiência administrativa, confesso que levei a Datacom Soluções à beira da falência em duas ocasiões. Foi um choque. A repercussão atingia diretamente os projetos mais complexos: técnica não era suficiente — precisava-se também de vivência de mercado, de saber “ler” números e pessoas. Aprendi, na marra, que planilhas e código convivem com relatórios, prazos, cobrança e

negociações que não se resolvem com um comando.

Nesse período comecei a desconfiar do que via por aí. Perdi o interesse pelos palestrantes que vendiam a vida empresarial como um passeio sem espinhos — os tais “gurus”. Minha atenção mudou para quem realmente tinha história: os que caíram, levantaram e continuam ativos no mercado com cicatrizes. Esses é que trazem ensinamentos verdadeiros; não

adianta uma apresentação bonita de slides se por trás não houver chão batido. A dor do aprendizado virou minha escola mais eficiente.

Enquanto isso, a cultura pop celebrava fama instantânea: reality shows exibiam sucessos fáceis e efêmeros (tão passageiros quanto o Orkut!), tutoriais no YouTube prometiam “faça você mesmo”, e filtros do Instagram vendiam versões perfeitas da realidade. Na prática, meu cotidiano

lembrava menos um jardim de rosas e mais um campo minado. Era a diferença entre assistir a um vídeo sobre como construir uma casa e, de fato, erguer uma casa que resista às intempéries.

Aprendi algumas coisas concretas: buscar conhecimento em gestão não é moda — é necessidade; frameworks e processos têm seu valor; e humildade para reconhecer limitações salva empresas. A ilusão de que o

domínio técnico resolve tudo é perigosa. A verdadeira sabedoria vem de quem aprendeu nos próprios tombos e seguiu em frente. Hoje, mais do que admirar soluções fáceis, procuro estudar os sobreviventes — suas histórias oferecem os melhores remendos para os erros que afligem empresas e pessoas.

CAPÍTULO 07

2000s: Do Porão à Redação Digital — O Reinício e a Força da Inovação

Depois do tal bug do milênio veio a sequência: superação, recomeços, e uma vida que mais parecia ensaio de resistência. Entre um voo e outro eu rodava o país implantando sistemas de automação. Ao mesmo tempo, descobri que quadrilheiros usavam meu CNPJ para fechar negócios milionários em meu nome. Apreendi na pele o que é um lado cru do capitalismo.

De morar em um bairro nobre de Mogi das Cruzes, vi-me

vivendo num porão em São Paulo, com minha mãe e uma sobrinha que ela criava.

Voltávamos ao jogo com a experiência — sentar à mesa com banqueiros, estatais e fornecedores — mas com a conta no vermelho e sem bens para oferecer como garantia. Era preciso negociar dívidas e ainda abrir linhas de crédito. Como honrei os compromissos? Fechando negócio com uma grande empresa do mercado de aço: nos contrataram para desenvolver um sistema ERP

para a indústria deles. Pensavam que por trás do contrato havia uma equipe de quinze desenvolvedores. A verdade era outra: eu, trabalhando do porão, e minha mãe na linha fixa, atendendo inabalável — “Datacom Soluções, bom dia!”.

Foram anos de idas e vindas, bate-e-volta entre São Paulo e Rio de Janeiro numa Caravan 6 cilindros; três anos depois entregamos o projeto e quitamos tudo. Carrego até

hoje as cicatrizes e os aprendizados: a necessidade afina a eficiência, e a honestidade rende frutos mais sólidos do que atalhos suspeitos.

Em 2001, com escritório na Avenida Senador Queirós e a janela voltada para o borbulhante comércio da Rua 25 de Março, voltei a circular pelo centro da cidade. Com o trânsito infernal, muitas vezes eu subia a pé, atravessando a Avenida Ipiranga até a São

João, rumo à redação de um jornal paulista onde meu tio trabalhava. Meu papel ali era o de observador — esperar o horário de pico passar e notar as pequenas grandes transformações.

O que vi foi impressionante: jornalistas, redatores, diagramadores correndo para se adaptar a novas ferramentas. Eram profissionais que saíam das máquinas de datilografia para encarar Adobe InDesign e

QuarkXPress. A visão era ao mesmo tempo comovente e engraçada — gente acostumada a regras e prazos aprendendo, na marra, a lidar com uma nova rotina de produção. A lição primeira foi clara: a informatização e a automação não eram moda passageira; era algo que vinha para ficar. A segunda, mais pragmática: por mais que faltassem pessoas, por mais catástrofes que pudessem ocorrer, no dia seguinte o jornal estava na banca. A

cadência do jornalismo tem uma obstinação própria.

Se eu tivesse que resumir em tom de comédia, diria que minha vida naquele período foi um reality show de sobrevivência corporativa. Minha “Datacom Soluções ‘Porão Edition’ ME” negociando com tubarões do mercado rendia cenas dignas de filme: eu, sem helicóptero, guiando uma Caravan 6 cilindros entre reuniões, vendo a 25 de Março fervilhando

enquanto eu subia a pé a Ipiranga e a São João. Assistir jornalistas substituindo datilógrafos por softwares era como ver um dinossauro aprender a usar um smartphone — épico e cômico ao mesmo tempo.

A experiência ensinou coisas duras. Ter o CNPJ explorado e perder quase tudo, para depois reconstruir do zero e negociar com credores sem nada em mãos, mostrou que a exposição e a vulnerabilidade são

professores implacáveis.

Aprendi que integridade não é um luxo: é capital. Ser honesto e correto vale a pena; às vezes é o único ativo que permanece quando todo o resto se desfaz.

No fim das contas, a tecnologia transformou ambientes e acelerou processos, mas não anulou o que verdadeiramente importa nas relações profissionais: a reputação e a capacidade de se reerguer.

Essa fase confirmou que, diante da brutalidade do

mercado, manter a dignidade e a ética é, de fato, o melhor investimento.

CAPÍTULO 08

2000s: A Revolução da Internet e a Era da Conexão Imediata

No começo dos anos 2000 chegava a tão falada internet. Muitos já não se lembram bem, mas, para entrar nela, havia toda uma coreografia: assinávamos um provedor de acesso — a UOL era onipresente — pagávamos uma mensalidade e, por meio de uma linha discada, conectávamo-nos ao mundo. Quem viveu isso guarda até hoje o som estridente do modem; era quase uma liturgia tecnológica (lembra do ruído? rsrs).

Logo surgiram propostas diferentes. Nasceu a IG — Internet Grátis, idealizada por Washington Olivetto — que mudou meu jeito de pensar. Enquanto a UOL buscava “pouco de muitos” (cobrar pelo acesso), a IG apostou em “muito de poucos”: acesso gratuito cuja home page era um painel de banners de grandes clientes. Ali percebi que o valor não estava apenas em conectar, mas em capturar atenção. Foi um estalo decisivo.

Na prática, aquilo transformou a Datacom Soluções. De empresa de desenvolvimento de sistemas, viramos agência de marketing com foco digital. Passei a pensar em produtos de presença online, um campo novo para muita gente ainda cética. Um exemplo foi o Candidatos NET, uma plataforma para partidos e políticos exporem ideias e propostas no ambiente digital. Era a solução certa para uma demanda que eu pressentia — só que o tempo do mercado não

bateu com o nosso. Quando veio o efeito Barack Obama, percebi que tinha acertado o produto, mas errado o timing. Não era um fracasso; era um recomeço com lições claras.

A corrida por velocidade e comunicação instantânea ditou o ritmo do mercado. Fomos pioneiros em adotar novas tecnologias para oferecer aos clientes o que havia de mais rápido. Lembro da chegada de conexões como o Speedy: a diferença era abissal. Eu

também fui dos primeiros a ter um celular — e, confesso, atender o telefone caminhando pela rua me parecia coisa de outro mundo. Sentia-me esquisito, quase futurista.

A Nextel foi um marco à parte. A comunicação via rádio, com seu “bip” inconfundível, tornou-se um símbolo de status e eficiência. Para mim, foi o golpe final no velho pager: aquele aparelho que vibrava ou apitava e mandava a gente correr até o orelhão para

retornar a ligação. O bip da Nextel substituiu essa dança; a comunicação direta e imediata passou a estar no bolso, e aquilo mudou hábitos, planos e ansiedade.

E havia, claro, o cenário cultural: enquanto tocavam os últimos hits do nu-metal e passavam episódios novos de Friends, o som do dial-up compunha a trilha sonora de muitas casas. A internet parecia uma Matrix abrindo as portas para o cidadão comum.

A disputa entre UOL e IG lembrava uma briga de rua em câmera lenta — curiosa de observar. Quanto ao celular, eu me sentia falando com a própria mão, carregando um tijolão no ouvido; era um misto de James Bond com ET. O alívio veio quando o pager e a necessidade do orelhão sumiram; pequenos dramas diários deixaram de existir.

A lição mais importante dessa virada foi prática e simples: o valor migrou do acesso para a

atenção. Ter a tecnologia disponível deixou de bastar; era preciso atrair, prender e monetizar a atenção do usuário. O Candidatos NET ilustra bem isso — o produto estava certo, a sociedade era a que ainda estava mudando. Inovação não espera: é uma onda que ou você surfa ou te engole. No meio de tanta velocidade, o desafio permanente foi manter a essência da comunicação humana, sem se perder no ruído dos bips, anúncios e

notificações. Hoje sei que a tecnologia abre caminhos, mas é a maneira como capturamos a atenção e preservamos a conversa humana que decide se um projeto sobrevive.

CAPÍTULO 09

2010s: A Sala de Aula é o Palco — O Nascimento do Lirolla Palestrante

Enquanto Steve Jobs, Bill Gates e Mark Zuckerberg consolidavam impérios e redesenhavam a maneira como as pessoas se comunicam e trabalham, eu voltei para Mogi das Cruzes com as minhas cicatrizes e uma mala de aprendizados. Não voltava para recomeçar do zero, mas para encontrar meu lugar: a sala de aula.

A primeira vez que entrei para lecionar senti, com clareza, que ali era meu palco — formar

profissionais me cabia como poucas coisas. Nem por isso ignorei o acerto: o sistema educacional é, muitas vezes, impiedoso. Havia um abismo entre o que o currículo mandava e o que o mercado realmente pedia. Para cumprir formalidades, registrava na caderneta o conteúdo exigido; publicamente, porém, dizia aos alunos o que precisavam aprender de verdade e os guiava para o que o mercado demandava. Não sei se era professor ou uma espécie de

anomalia do sistema acadêmico; só sei que, quando minha atitude ficou clara, fui afastado.

Sempre digo que, se pudesse escolher apenas uma profissão, viveria em salas de aula. Mas minha metodologia — prática, voltada para empregabilidade — não cabia nas grades da instituição. Não foi derrota; foi sinal de que era hora de procurar outro formato. Assim nasceu o Lirolla Palestrante.

Passei a rodar por eventos e instituições: palestras no Sebrae sobre empreendedorismo, no Sincomércio sobre comércio eletrônico, em universidades debatendo mercado de trabalho. Foi um movimento natural — transformar a prática em fala, a experiência em orientação. E segui nessa trilha: até hoje continuo no ofício, e, em 2025, fui palestrante e delegado em um projeto do estado de São Paulo

no eixo de Cidades Inteligentes.

Havia, claro, humor nessa trajetória. Parecia que precisava “driblar” a burocracia: cumprir a formalidade para, nos bastidores, entregar o que realmente importava. A imagem do professor que finge seguir o plano de aula, enquanto prepara o aluno para a vida profissional, rendeu risos e, às vezes, implicações. Mas fez sentido — e fez

diferença — para quem saiu da sala com ferramentas úteis.

A grande lição dessa fase foi dura e libertadora: a academia, frequentemente, demora a acompanhar a velocidade do mercado. Onde a estrutura não alcança, a iniciativa individual pode criar pontes úteis. Ser excluído do circuito formal não foi fracasso; foi um empurrão para inventar um caminho próprio de transmitir conhecimento.

No fim, a sala mais ampla que conheci foi a vida, e o professor mais exigente foi a experiência. Se o sistema trava sua paixão, procure outro palco — o mercado e a prática ensinam mais do que uma caderneta.

CAPÍTULO 10

O Jardim dos Talentos: Mentorias, Voos e a Família Datacom

A maior alegria de um mestre é
ver seu discípulo lhe superar.

Desde os primeiros dias da Datacom, eu tinha uma ideia fixa: contratar gente para o primeiro emprego. Sempre gostei de preparar talentos. Para muitos, eles até podiam “fazer do jeito errado”, mas como nunca me importei demais com o que os outros pensam, eu os orientava a executar ao meu modo — que, para mim, era o jeito certo. Era um investimento em gente, não em máquinas ou em vaidade.

Veio um dia um rapaz de boné,
com baquetas nas mãos
batendo no vento, pedindo
emprego. Quando perguntei
sobre salário, horário e outras
formalidades, ele respondeu
rápido: “Só quero aprender,
uma oportunidade!” Pensei
comigo: vou “bugar” esse
discípulo — no bom sentido.

Quis, desde logo, colocá-lo sob
pressão criativa, fazê-lo
aprender a criar soluções
quando tudo parecia desabar.

Leandro foi parceiro por muitos anos. Aprendeu a desenrolar soluções sob emergência, a improvisar, a costurar código e negócios. E, entre um desenvolvimento e outro, acabava com os potes de biscoito da minha mãe cada vez que passava pela cozinha. A Datacom ainda dividia espaço entre minha casa e a empresa; éramos uma única família. Aquela mistura de lar e trabalho tinha cheiro de café, fios, papéis e, claro, biscoitos desaparecidos — um controle

de estoque afetivo que só nós entendíamos.

Com as cicatrizes do passado e com convicções firmes sobre ética e ensino, sempre regulei o crescimento da empresa. Priorizei pessoas em vez de cultivar bens. Preferi formar do que manter, priorizar o caráter e o aprendizado acima da pressa por números. Isso me permitiu criar um ambiente em que a lealdade nascia do cuidado, não da cláusula contratual.

Mas todo aquele preparo tinha um destino provável: Leandro precisava explorar outros aeroportos, conhecer outros universos. Quando a hora da partida chegou, ele veio meio sem jeito contar sobre ofertas que recebera, acreditando que eu poderia ficar chateado. Mal sabia ele o quanto eu esperava por esse momento. Eu não o formara para ser um funcionário preso; eu o formara para ser parceiro e, sobretudo, para voar. Ali ele entendeu que a Datacom nunca foi uma

gaiola, mas um jardim aberto: cada um fazia seu ninho e, quando quisesse, batia asas — e podia sempre voltar para visitar.

Hoje Leandro é meu consultor digital. Ele já é uma referência potente — uma inteligência prática e ágil — e eu continuo sendo o mesmo 486 com muitos upgrades: velho suficiente para lembrar de como tudo começou, atualizado o bastante para não perder o ritmo. A autodepreciação faz

parte: enquanto eles sovam o futuro com novas linguagens, eu fico aqui mexendo nos alicerces que os apoiaram.

Ao fim, a lição foi clara e bem prática: o valor de um líder não está em reter talentos a qualquer preço, mas em capacitá-los para que possam ir mais longe. Perder alguém para uma nova oportunidade não é derrota; é testemunho de que o processo funcionou. Priorizar pessoas e sustentar o crescimento em ética e

propósito constrói uma rede de ex-colaboradores que vira extensão da empresa — nós de conhecimento, parcerias e amizade. A partida vira, assim, uma funcionalidade do jardim: quem sai leva sementes e volta para regar quando pode.

CAPÍTULO 11

O Cartão de Crédito Eletrônico e o Abraço do Capitalismo

Dando entrevistas para TV, rádio e imprensa escrita, eu também fazia palestras. Em uma delas, na universidade, havia mais de 250 alunos.

Expliquei o sistema que havia criado — o Cartão de Crédito Eletrônico — um meio de pagamento que existia apenas no universo online. Desenvolvi, além disso, um método para que pessoas que trabalhavam no off-line — dentistas, médicos, profissionais liberais — pudessem usar esse recurso sem ter um site.

Ao final da apresentação, quando a sala já se esvaziava, notei três pessoas vindo em minha direção: dois homens com ternos alinhados, gravatas e pastas executivas, e uma mulher com traje executivo de primeira linha. Na hora pensei: “Ixi, será que é da Receita Federal?” — afinal, havia revisado inúmeras vezes todas as questões legais e tributárias; fiquei meio sem chão.

Aproximaram-se, elogiaram a palestra e se identificaram: eram da PagSeguro. Naquela época a UOL já havia adquirido a PagSeguro e a usava como método de pagamentos online. O que os intrigava era como eu conseguia fazer com que pessoas sem presença digital utilizassem um sistema cuja base de pagamentos era justamente a PagSeguro. Perguntaram, diretamente: “Como você consegue que pessoas no off-line, sem ter

sites, consigam usar nossos sistemas?”

Ali começou uma negociação. Participamos de implantações pioneiras e fizemos várias reuniões na sede da UOL, na Avenida Brigadeiro Faria Lima, em São Paulo. Fui convidado a integrar um novo sistema que nascia ali, aplicando a metodologia do Cartão de Crédito Eletrônico. Em conjunto com o departamento de desenvolvimento da UOL/PagSeguro, trabalhamos

no primeiro dispositivo leitor de cartão pensado para ser usado no celular.

O desafio técnico era prático: na época as portas USB dos aparelhos não eram padronizadas, o que dificultava a comercialização de um leitor universal. Lembrei-me, então, dos meus tempos de eletrônico e me ocorreu uma solução simples — usar a saída do microfone. Nasceu assim o primeiro protótipo funcional: um leitor que se conectava à

saída P2 dos celulares. A UOL/PagSeguro comercializou o dispositivo.

Apesar da aparente parceria, o contrato de colaboração que me haviam apresentado no início nunca foi assinado. Perdi o acesso à área interna do prédio; ficou comigo apenas um protótipo que guardo até hoje. E ficou também um aprendizado sobre como o capitalismo trata as ideias: o sistema que desenvolvi acabou sendo eliminado do mapa,

engolido pela lógica do mercado.

Esse episódio deixou algumas lições claras. Uma ideia disruptiva atrai atenção — e nem sempre a atenção vira parceria justa; sem formalização e proteção, a inovação de um indivíduo corre o risco de ser apropriada. Aprendi que a ingenuidade pode custar caro, mas também que o aprendizado estratégico que sobra vale mais do que

qualquer contrato que não se concretizou.

CAPÍTULO 12

O Novo Mundo do Trabalho: Do Empreendedorismo MEI à Geração Z

Em 2015, com apoio do Sebrae-SP e do Sincomércio, toquei um projeto ambicioso: construir um Marketplace completo para ajudar Microempreendedores Individuais (MEIs) e pequenas empresas a terem seu primeiro ponto de venda online. Entreguei o Shopping Virtual pronto em meados de agosto de 2015 e o inauguramos em novembro daquele ano.

Na mesma época, fui convidado pelo Mercado Livre para

conhecer suas instalações e sua metodologia. O que vi era um protótipo da gestão que se associa ao Vale do Silício: equipes jovens circulando pela empresa como se fosse um parque de diversões. O ambiente de trabalho ali é pensado para inspirar colaboração — bem diferente das velhas estruturas hierárquicas. Espaços abertos, áreas de lazer (mesa de sinuca, videogame), refeitórios caprichados, academias, horários flexíveis; tudo

configurado para incentivar criatividade, autonomia e inovação. A intenção, claro, é que as pessoas se sintam à vontade — quase em casa — para produzir melhor e com mais prazer.

Foi ali que percebi um grande desafio para os departamentos de RH: lidar com uma geração que não responde aos modelos antigos. A Geração Z e o mercado de trabalho apontavam para um novo paradigma.

Enquanto eu estava lá, literalmente “bugando” o sistema para dar voz online aos MEIs, a turma do Mercado Livre vivia a experiência completa do tal “playground corporativo”. Saí do “clube do Bolinha” das empresas tradicionais e entrei no playground do Google — onde, em vez do cafezinho, havia mesa de sinuca e jogos. Eu, que sou mais do “upgrade no 486”, observei a Geração Z percorrendo o espaço como se fosse a Disneylândia. De

repente, o problema do RH não era mais contratar quem sabia usar o Word, e sim quem fazia um TikTok viral ou desenvolvia um app entre uma partida de tênis de mesa e outra. Meio confuso, admito, mas também fascinante — parecia uma comédia sobre choque de gerações no escritório.

O projeto do Shopping Virtual para MEIs foi um reflexo da minha ideia de democratizar o acesso ao comércio digital. No entanto, a visita ao Mercado

Livre deixou claro um “bug” maior no universo corporativo: muitas metodologias de RH já estão defasadas. A Geração Z exige propósito, flexibilidade e menos hierarquia — elementos que reconfiguram o sentido do que chamamos de “trabalho”. Passar de “funcionários” para “colaboradores” não é só trocar o rótulo; é rever a relação de poder e responsabilidades.

O desafio, portanto, é criar valor tanto para o cliente

externo quanto para o “cliente interno” — o colaborador.

Liberdade e um ambiente inspirador não são regalias, são pilares para inovação e retenção de talentos. Quem não se adapta, de fato, tende a “bugar” nessa nova realidade.

A experiência me ensinou que democratizar o acesso via tecnologia é necessário, mas insuficiente: precisa caminhar junto com uma reengenharia das práticas de gestão.

Empregadores que entenderem

esse movimento terão mais chances de inovar e reter pessoas; os que ficarem presos ao modelo antigo verão a distância entre expectativas e prática apenas aumentar.

CAPÍTULO 13

O Rei Bebê e a Geração Digital: Um Novo Olhar sobre a Dependência

Há cerca de dez anos, enquanto o mundo enlouquecia com redes sociais, a internet das coisas e a tecnologia invadia não só o corporativo, mas nossas casas, escolas e rotinas, eu desenvolvía uma palestra inusitada chamada “O Rei Bebê”.

A iniciativa nasceu a pedido de algumas clínicas para dependentes químicos da região do Alto Tietê. Eu, que já estudava comportamento humano e havia começado a

implantar na empresa a prática de TEAL — Treinamento Experiência ao Ar Livre — fui convidado a desenvolver um projeto para uma dessas clínicas. Isso me permitiu estar, na prática, dentro do estabelecimento: vi o funcionamento, a luta diária, a metodologia aplicada e o drama familiar que acompanha cada paciente.

A palestra “O Rei Bebê” não se destinava aos pacientes, mas aos seus familiares. Minha

missão era desmistificar a compreensão sobre essa doença crônica e progressiva. Ao longo desse trabalho aprendi muitas coisas, mas há uma que levo comigo até hoje. Todas as manhãs, na clínica, o paciente em tratamento aprende a orar e buscar forças — não para se curar definitivamente, mas para que, naquele dia que começa, tenha forças para resistir aos impulsos, aos desejos. A luta não é pela vida inteira; a luta é pelo dia. E, antes de dormir,

ele reza de novo, agradecendo não pela cura, mas pela conquista de HOJE — SÓ POR HOJE — por ter vencido a doença naquele dia.

Desde então, “Só por hoje” entrou no meu repertório existencial.

Por que conto isso aqui?
Porque, nesse trabalho, comecei a reconhecer em crianças traços que lembravam os de um adicto: impulsividade, busca por estímulos imediatos,

dificuldade de resistência diante de recompensas instantâneas. Vi aquilo com dor no coração. Seriam esses efeitos colaterais do uso excessivo da internet, dos games, dos aparelhos que invadiram o cotidiano infantil? Estaríamos cultivando uma geração de dependências digitais?

Com o tempo, estudos científicos passaram a caminhar na direção das minhas suspeitas. A partir daí

comecei a desenvolver ações de conscientização sobre os efeitos do uso desmedido de telas em crianças e adolescentes. Surgiu, naquela inquietação, a semente do que hoje chamo Projeto Ecoaprender — assunto que detalharei em outro capítulo.

Enquanto os olhos do mundo estavam presos à última atualização de rede social ou à novidade da vez, eu me ocupava de desvendar a mente do “Rei Bebê” e a

complexidade da dependência. Minhas experiências ao ar livre ganharam novo significado: não como fuga da tecnologia, mas como prática consciente de construção de hábitos diferentes, de resgate de ritmos humanos que não dependem de notificações.

A conexão entre dependência química e dependência digital não é mera metáfora; é uma constatação prática. A metodologia do “Só por hoje”, aprendida na luta contra o

vício, oferece uma lente útil para enxergar como pequenos ganhos diários podem reconfigurar comportamentos e conter impulsos. Não se trata de demonizar a tecnologia — ela conecta e facilita muitas coisas — mas de reconhecer que estímulos constantes podem instalar padrões que se aproximam de compulsões.

Essa experiência, nascida da observação empática e validada por estudos, transformou-se em um convite:

olhar com seriedade para os efeitos da hiperconectividade nas novas gerações e agir — com educação, práticas ao ar livre e rotinas que priorizem presença, resistência e pequenas vitórias diárias. O “Só por hoje” continua sendo, para mim, não só um remédio para quem enfrenta a dependência química, mas um princípio prático para quem deseja ensinar às crianças a arte da pausa e da escolha.

CAPÍTULO 14

O Reboot Caiçara: Da Conexão Digital à Reconexão Ambiental

O aprendizado do Capítulo 7 – Do Porão à Redação – me acordou para uma necessidade simples e urgente: ter um porto seguro, para minha mãe e para mim. Não era só sobre conforto; era sobre limites, estabilidade, um lugar onde pudéssemos respirar sem a pressão constante da cidade. Decidi buscar um novo horizonte.

Na primeira oportunidade comprei uma casa em Caraguatatuba, porta de

entrada do Litoral Norte paulista. Havia uma projeção antiga — vir definitivamente para cá quando completasse 50 anos —, mas a vida tem um jeito engraçado de antecipar planos. Entre a chegada da fibra ótica à porta da casa caiçara, alguns problemas de saúde de minha mãe, Elenice Lirolla e a nova ideia de unir o digital com o real, a mudança deixou de ser um projeto e virou urgência. Recomeçar nunca me amedrontou. Peguei a estrada.

Vimos de vez durante o Carnaval de 2018. Em pleno bloco, trocamos a muvuca pela maresia. A transição foi menos radical do que parecia: num mundo de conexões e home office, pude manter clientes e reuniões online sem perder a rotina profissional. O engraçado é que alguns clientes só descobriram que eu não estava mais em Mogi depois de quatro anos. A primeira reação era quase cinematográfica: “Puxa, agora você está longe, será que vai

conseguir me atender?” Riam, preocupados, como se a distância física quebrasse todo o resto.

Com o tempo, reestruturei a Datacom — adequando CNAEs e redefinindo escopo — e ela se transformou num pequeno hub de conhecimento, dividido em duas frentes. De um lado, o Lirolla, com consultorias, mentorias, palestras e treinamentos voltados para o mundo corporativo. Do outro, o @vlogdolirolla, com foco em

TEAL (Treinamento Experiência ao Ar Livre), Educação Ambiental e Sustentabilidade. Oferecemos trilhas e imersões ao mar com um objetivo direto: promover a reconexão das pessoas com o que eu chamo de mundo real — o meio ambiente.

Houve uma espécie de inversão poética: antes eu consertava “bugs” digitais; agora enfrento um problema diferente, a desconexão ambiental. A vida vive me surpreendendo com

atualizações que eu não pedi, e, felizmente, aprendi a rir dessas surpresas. O home office virou beach office, e eu começava a despachar reuniões com cheiro de maresia; meus clientes paulistanos não imaginavam eu com areia nos pés.

Ao recontar essa fase, o que melhor me define é a capacidade de me reinventar sem perder a essência. Mudar para Caraguatatuba não foi apenas deslocamento

geográfico; foi expansão de propósito. Transformei um porto pessoal em um espaço profissional que dialoga tanto com o universo corporativo quanto com a necessidade urgente de preservar e reconectar pessoas ao ambiente.

A tecnologia continuou sendo ferramenta — não fim em si mesma. O verdadeiro “upgrade” foi perceber que a performance profissional pode caminhar junto com a

responsabilidade ambiental:
usar conectividade para levar
experiências que aproximem o
humano de sua origem, não
para isolá-lo ainda mais. Isso,
para mim, vale mais do que
qualquer plano original.

CAPÍTULO 15

A Faca de Dois Gumes da Tecnologia: Proteção de Dados e o Futuro Digital

Sempre digo a mesma coisa: o problema não é a tecnologia, é como as pessoas a utilizam. A mesma invenção que permitiu a um paraplégico levantar-se da cadeira de rodas, caminhar e dar o pontapé inicial na abertura da Copa do Mundo no Brasil, no estádio do Corinthians, é também a que invade sistemas, comete crimes e deixa famílias desesperadas. A tecnologia salva vidas em tratamentos complexos e, ao mesmo tempo, alimenta redes que aliciam crianças — quem já

viu de perto a Dark Web sabe do que falo.

Diante desse cenário, surge uma pergunta complicada: como regulamentar a internet sem cair na vocação autoritária? Já existem respostas: o Marco Civil da Internet no Brasil e, na União Europeia, o GDPR e, no Brasil, a LGPD, sancionada em 2018 e em vigor desde 2020. Essas normas não são meros caprichos jurídicos; tentam ordenar um espaço que

frequentemente se comporta como terra sem lei.

Vivemos numa era em que seus dados são, efetivamente, seu maior tesouro. Cabe ao Estado — e às organizações — criar mecanismos para proteger as pessoas nesse universo. E quando falo “proteção”, não me refiro só a segurança cibernética: há também os arquivos físicos, guardados em armários verdes com pastas suspensas. Muitos confundem “lei” com algo estritamente

jurídico; lei é estrutura, é regras, mas pressupõe tecnologia, governança e práticas concretas.

Sou especialista no tema e atuo ativamente como DPO as a Service para assegurar que empresas tratem os dados das pessoas com responsabilidade. No Brasil, a consequência de falhar nesse cuidado pode ser dolorosa: multas de até 2% do faturamento da pessoa jurídica, grupo ou conglomerado no Brasil no último exercício,

excluídos os tributos, limitadas a 50 milhões de reais por infração. Essa possibilidade tem um efeito pedagógico — às vezes mais eficiente que qualquer palestra corporativa: ninguém quer um “game over” financeiro.

Entre as reconexões humanas e a segurança de dados, seguimos nos adaptando. Educar empresas, desenhar processos, implantar controles e cultivar uma cultura onde o respeito à privacidade seja

prática e não apenas discurso: esse é o trabalho diário. E, claro, um pouco de bom humor ajuda — já brinquei com equipes comparando a LGPD a um “código Jedi” e a mim a um Yoda dos dados: “Proteger seus dados, você deve!”. A imagem diverte, mas o ponto é sério: por trás de toda tecnologia e de toda lei, há sempre um ser humano que precisa de limites.

A era digital traz um paradoxo inevitável: tecnologia amplia inclusão e progresso, mas

também amplia riscos e vulnerabilidades. A LGPD e suas congêneres não são apenas textos legais; são um quadro ético que obriga organizações a tratar privacidade e segurança como pilares de operação. No fundo, o maior ativo desta era não é o dado em si, mas a confiança que se constrói a partir de como esse dado é tratado. Ignorar isso não é apenas um bug na governança — é um risco existencial.

CAPÍTULO 16

O Até Logo de um Rebooter: Conexões, Códigos e o Chamado do Futuro

Agora, no fim deste ciclo, olho para trás e consigo ver, com a clareza de quem revisita um projeto antigo, cada linha de código da minha história. Tudo começou com uma ideia — o tal “EcoBug” — que foi se enraizando até virar o LiroBoot. Quinze capítulos passaram num flash; em cada um, minha vida se desenrolou: conquistas, tropeços e aprendizados que ficaram marcados.

Você, que me acompanhou nesta jornada, me acompanhou traduzindo essência em palavras, identificando os “bugs” da trajetória e transformando-os em reflexões que, espero, ressoaram com você. Minha gratidão.

O LiroBoot não é só uma sequência de fatos; é um manual de resiliência. Serve como convite a entender que a vida exige atualização constante. Cada dificuldade enfrentada, cada sistema que

parecia inquebrável, foi um código a decifrar — um erro a corrigir. Lembro do porão que virou redação, das noites imerso em códigos, da surpresa dos ternos da PagSeguro, do “Rei Bebê” que me ensinou o valor do “Só por hoje”, e da mudança para o paraíso caçara, de onde hoje luto pela reconexão com o meio ambiente e pela segurança dos nossos dados.

O aprendizado maior é simples: tecnologia é ferramenta

neutra. Ela amplia quem somos. Usada com sabedoria, ergue; negligenciada, aprisiona. O que me move é seguir nessa missão de decifrar códigos e “rebootar” pessoas — ajudar a entender este novo mundo, ensinar a se proteger e, ao mesmo tempo, reconectar com o que realmente importa.

Olho para o futuro sem achar que a jornada termina aqui. Haverá mais capítulos, outros “bugs” a explorar e novos sistemas a compreender ou

criar. A vida exige adaptação constante, atenção e a disposição de buscar o próximo desafio. E é isso que faremos.

Portanto, isto não é um adeus; é um “até logo”. Um até logo cheio de gratidão pela parceria nesta fase e com a certeza de que seguiremos atentos, decifrando códigos, “rebootando” pessoas e protegendo nossa casa — o meio ambiente.

Antes de demonizar redes sociais e inteligências artificiais, lembremos que existe um humano no comando da operação. Enquanto houver alguém disposto a aprender e fazer a diferença, haverá um rebooter em ação.

Fechar este livro é parecido com fechar a última aba do navegador depois de uma maratona de trabalho: alívio, satisfação e já a cabeça pensando na próxima “branch”. Cada capítulo foi um level-up;

confesso, ver minha vida em HTML me fez rir e refletir. De “bugar” sistemas a “rebootar” almas, a jornada foi quase épica — um RPG onde o boss final é a acomodação. Mesmo com a tecnologia em evolução, o “bug humano” — nossa capacidade de errar, aprender e nos reinventar — continua sendo a característica mais interessante. Um CTRL+ALT+DEL nos problemas e um Enter no próximo desafio.

A experiência narrada aqui não é só minha história pessoal; é um pequeno espelho das transformações tecnológicas e sociais que vivemos. A ferramenta revela a intenção de quem a usa, e o verdadeiro reboot que buscamos é de mentalidades e comportamentos. Persistir em decifrar códigos, rebootar pessoas e cuidar do ambiente é uma escolha ética: transformar erros em propósito e aprendizado em ação. Em tempos de mudança rápida, a

habilidade de se reinventar,
aprender com cada “bug” e
manter a bússola moral
alinhada ao bem comum é,
para mim, a função mais
valiosa que podemos
desenvolver.

ATÉ LOGO, REBOOTER.

A mudança é digital.
A transformação é humana.

OSWALDO LIROLLA